

REUMATOLOGIA PORTUGUESA: O FUTURO COMEÇOU ONTEM

José António Pereira da Silva*

Neste número da Acta é incluído um trabalho de Luís Miranda sobre os recursos humanos da Reumatologia portuguesa e sua evolução previsível nos próximos 10 anos. O tema é, só por si, merecedor de atenção e aplauso na medida em que traduz a preocupação de um reumatologista com o ecossistema em que se move (ao invés do seu próprio microclima) e porque o aborda numa perspectiva de futuro – postura rara num país paralisado nos lamentos do presente, sem cuidar de lhes entender as raízes no passado ou perscrutar as soluções no futuro.

É fundamental pensar-se o futuro da reumatologia portuguesa, não só porque amamos esta especialidade, mas sobretudo porque sabemos o profundo impacto que o seu destino terá na qualidade de vida da população que integramos e servimos. E o futuro começou já ontem, nas decisões que temos tomado e o condicionarão inevitavelmente, nas inércias e omissões a que, individual e colectivamente, nos temos autorizado. Felizmente, recomeça hoje, e amanhã, e depois – outras tantas oportunidades para o moldarmos. Quanto mais cedo começarmos mais teremos de que nos orgulhar, menos haverá a lamentar.

Onde estamos?

O número de reumatologistas disponível no país é, naturalmente, decisivo para a qualidade do serviço que podemos prestar. Por mais dedicados que sejamos há um limite ao número de actos de assistência médica que podemos prestar e se este número é muito inferior ao necessário a ruptura é inevitável («só em 2032 poderemos atingir um número suficiente para atingir 50% do número de consultas de reumatologia necessárias para a po-

pulação» – A realidade da reumatologia portuguesa em 2009: uma janela até 2019. Acta Reumatol Port. 2009;34:337-347). O número de reumatologistas existente em Portugal é obviamente deficitário. Em nenhuma outra especialidade é tão gritante o contraste entre os recursos humanos disponíveis e o impacto epidemiológico, social e económico das patologias de que cuidam.

Importa ainda reconhecer que as actividades dos reumatologistas se não podem limitar à assistência médica sob pena de colocarem em risco a qualidade e a sustentabilidade dessa mesma assistência. É indispensável que se dediquem à formação de novos reumatologistas e à formação reumatológica dos médicos em geral, com especial destaque para a Medicina Geral e Familiar. É ainda nuclear que se ocupem de investigar e conhecer bem a sua própria realidade clínica e epidemiológica, por forma a que a possam influenciar positivamente. Cabe-lhe, por fim, contribuir para o esforço global de progresso no conhecimento científico nesta área.

A Reumatologia portuguesa tem muitas razões para se orgulhar do que tem feito com tão escassos recursos humanos:

- A formação científica e a atitude profissional média dos reumatologistas portugueses merece o nosso profundo reconhecimento. A comparação com outros países a que o intercâmbio internacional nos tem exposto (por exemplo: iniciativa 3e) demonstra-o. A apreciação que nos é feita por profissionais que têm que lidar com múltiplas especialidades em Portugal é sistematicamente lisonjeira;
- Temos um conjunto de jovens reumatologistas e internos extremamente talentosos e dedicados que constituem o mais precioso recurso com que podemos enfrentar os desafios do futuro;
- Somos representados na Universidade por oito Doutorados (6% dos reumatologistas!) e mais se aprestam a abraçar esta carreira;
- Produzimos um grande número de reuniões científicas anuais de muito bom nível;

*Director do Serviço de Reumatologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra
Professor de Reumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

- Temos a única revista indexada de reumatologia em todo o mundo ibero-americano e a única revista de especialidade indexada em Portugal;
- Publicamos internacionalmente com razoável regularidade – estamos seguramente entre as especialidades portuguesas com maior impacto científico internacional por número de especialistas (uma afirmação que carece de prova...). É aqui que estamos e muito embora pudéssemos repousar-nos nos últimos parágrafos, sabemos que podemos fazer muito mais e a isso nos sentimos, por imperativo ético, obrigados.

Onde queremos chegar?

Ao correr da pena elegeria, entre muitos outros, os seguintes objectivos a médio prazo (5~10 anos).

- Reumatologistas em número suficiente para garantir acessibilidade atempada da população a cuidados especializados (referência Plano Reumatológico Nacional);
- Qualificação reumatológica dos cuidados primários de saúde, de forma a garantir uma abordagem diagnóstica razoável, identificação precoce de artropatias inflamatórias, orientação terapêutica básica de patologias comuns e comunicação eficaz com a especialidade;
- Conhecimento profundo da realidade reumatológica nacional;
- Investigação básica, clínica e translacional de nível internacional;
- Reconhecimento e prestígio da reumatologia portuguesa, a nível nacional internacional.

Como poderemos lá chegar?

Venham mais cinco

A Reumatologia Portuguesa deverá encontrar mecanismos que lhe permitam monitorizar e influenciar positivamente a abertura anual de vagas para treino da especialidade. Esta actividade não pode deixar-se ao livre e ocasional arbítrio de cada centro mas deve antes exigir uma política articulada com visão de futuro, centrada, a nosso ver, no Colégio da Especialidade da Ordem dos Médicos. O trabalho apresentado, neste número da ARP, por Luís Miranda constitui uma orientação valiosa para este fim.

Creemos também importante que desenvolva-

mos uma estratégia articulada para veicular aos mais novos o fascínio da Reumatologia e oportunidade de realização pessoal e profissional que ele encerra. O objectivo primário é que nenhuma vaga de reumatologia fique por preencher. O objectivo mais alto reside em recrutar para a Reumatologia os melhores e mais talentosos de entre os jovens médicos. A excelência da prática de Reumatologia será, em cada centro, a melhor publicidade para a especialidade mas impõe-se reflectir sobre as estratégias mais válidas para este fim a nível nacional. O valor inestimável do capital humano para o nosso futuro justifica esse esforço.

Igualmente relevante será o contributo de todos para a disseminação da Reumatologia ao maior número possível de hospitais do país. Os grandes centros têm que assumir esta responsabilidade, explorando toda a sua capacidade formativa e eliminando-se de práticas centralistas que fazem definhado o todo em benefício do brilho local.

Qualidade e exigência

A qualidade da prática dos reumatologistas, em todas as suas dimensões, constituirá, sem sombra de dúvida, o principal determinante do sucesso da especialidade a médio e longo prazo. Ainda mais do que o seu número. Importa, para isso, que, além de tentar recrutar os melhores, dediquemos uma especial atenção à qualidade da formação e da avaliação dos nossos internos. O *European Rheumatology Curriculum Framework* da UEMS (<http://www.uems-rheumatology.net/>) pode (deve?) constituir uma fonte de inspiração que nos permita planear e apreciar todas as dimensões relevantes do Reumatologista, para além da sua qualidade como «medical expert». Competências em comunicação, gestão, apreciação crítica da evidência, auto-avaliação, profissionalismo, serão, entre outras, indispensáveis para que a Reumatologia portuguesa se integre, sem reticências, nos padrões de modernidade da prática médica e possa ombrear com outros países em areópagos internacionais. Os nossos internos estarão, muito provavelmente, preparados para aceitar esses desafios a muito curto prazo. Haverá, contudo, necessidade de equipar os centros de treino com os meios e estratégias de ensino/aprendizagem adequados a este novo paradigma. Haverá ainda que reflectir sobre a necessidade de treinar os especialistas seniores nas competências que lhes permitam ensinar e avaliar estas novas dimensões com rigor e exigência. Colégio da Especialidade e Sociedade

Portuguesa de Reumatologia poderão encontrar aqui, oportunidades para oferecer contributos valiosos para o futuro.

Parceria com Medicina Geral e Familiar

Sendo impossível e dispensável que todos os doentes sejam observados por um reumatologista, temos que assumir a responsabilidade de contribuir para a qualidade do atendimento reumatológico ao nível dos cuidados de saúde primários. A Reumatologia portuguesa deve aprofundar e expandir as linhas de cooperação já encetadas com as organizações representativas dos Médicos de Família. Parece-nos justo e oportuno trabalhar conjuntamente para reavaliar a adequação do treino reumatológico nos actuais programa de internato em Medicina Geral e Familiar. Deveremos ainda explorar novas formas de comunicação com o Médico prático que nos permitam exercer uma influência positiva no seu quotidiano, através de linhas de apoio, sites na Web, informação «on demand», etc. Um Médico de Família conhecedor de doenças reumáticas será o melhor aliado do Reumatologista, na orientação atempada dos casos e no reconhecimento da mais-valia da especialidade.

Conhecer a realidade nacional

O conhecimento profundo da realidade reumatológica nacional, através de estudos epidemiológicos continuados, afigura-se indispensável para que possamos reivindicar, com propriedade e fundamento, a dedicação às doenças reumáticas de recursos proporcionais à sua relevância económica e social. Estes estudos servem ainda o objectivo de tornar mais visível a Reumatologia e o seu contributo. Os registos da Sociedade Portuguesa de Reumatologia representam um passo importante nesse sentido mas não poderão representar a realidade existente em locais onde não há, e devia haver, um Reumatologista. Acreditamos que a construção de um núcleo profissionalizado e dedicado de estudos epidemiológicos se contaria entre os investimentos mais valiosos que poderemos fazer para o futuro.

Investigar

A Reumatologia portuguesa tem que fazer um esforço profundo de integração em projectos de investigação a nível internacional, sob pena de continuarmos marginais e de nos afastarmos cada vez mais da linha da frente. O objectivo não reside apenas em darmos contributos para o conhecimento

de que beneficiam os nossos doentes. Trata-se também de darmos aos nossos internos oportunidades de desenvolver o seu espírito crítico e criativo, de nos mantermos a par dos desenvolvimentos, de anteciparmos tendências e de dar à especialidade o protagonismo e visibilidade de que necessita para concitar apoios e aumentar a sua capacidade reivindicativa, em nome dos doentes.

1+1>2

A chave para o sucesso, em todas estas dimensões, reside em COLABORAR.

Perante a nossa escassa dimensão é inevitável reconhecer que só juntos teremos uma vós audível. É fundamental que partilhemos as nossas qualidades, recursos e dados. É essencial e urgente fazer cair as barreiras tradicionais entre serviços e abriremos os nosso centros (e sobretudo as nossas cabeças) a um novo paradigma de transparência e cooperação, quer na escala nacional quer internacional. Esta postura é particularmente premente no estudos de índole clínica mas também essencial ao progresso em investigação nas ciências básicas.

Por fim, é muito importante reforçar o reconhecimento que a Reumatologia portuguesa entre as suas congéneres a nível internacional mas também entre as especialidades em Portugal. Não se pode esperar que esse reconhecimento nos seja dado por direito natural, nem se pode reivindicar com base em *direitos de fronteira*. Ninguém se sentirá tentado a escavar um jardim bem cuidado mas ninguém poderá ser criticado por o cuidar se estiver abandonado, por mais altos que sejam os muros que o rodeiam. O respeito conquista-se: pela qualidade, pela intervenção científica e social, pela visibilidade do que fazemos. É indispensável realçar a importância das doenças que tratamos e o sofrimento dos doentes que servimos. É essencial que façamos bem o que fazemos e que tornemos isso visível.

Todos e cada um de nós.